

DOSSIÊ

# História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI\*

**Gabriel Moreira Clemente\*\***

Universidade de São Paulo

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p620-640

## *resumo*

Este artigo procura entender o(s) significado(s) que o conceito *crise* assume na perspectiva do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Para isso, o artigo trata de uma breve trajetória do conceito, considerando sua origem, transformações e uso contemporâneo. Fazendo uso da etimologia e de dicionários, o artigo pretende exemplificar essas mudanças. Quanto ao uso de dicionários, o foco está na mudança de significação de *crise* como um conceito de uso restrito pela medicina para conceito plural e fundamental no vocabulário político desde a Revolução Francesa até a atualidade. Considerada sua trajetória, o artigo procura no discurso da ACNUR os diferentes usos do conceito, considerando também seus usos específicos, no caso, para caracterizar *crises humanitárias*. A partir de trechos destacados do discurso, é perceptível que *crisis* ainda retém diferentes significados daqueles considerados na trajetória do conceito, significados aqueles atribuídos pelos gregos antigos, pela tradição cristã, iluministas europeus e pós Revolução Francesa. Diante do artigo, o estudo da história conceitual se mostra produtivo para a análise de discursos contemporâneos e de questões urgentes da modernidade.

**PALAVRAS-CHAVES:** História Conceitual; ACNUR; crise humanitária; política; crítica.

\* Agradecimentos especiais ao professor João Paulo Garrido Pimenta, professor do Departamento de História da USP, pelo oferecimento da disciplina FLH0835 *História Conceitual*, em 2024, que propôs a escrita deste artigo.

\*\* Graduando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: [gmcclemente@usp.br](mailto:gmcclemente@usp.br)



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

### Introdução

Em junho de 2024 Filippo Grandi, o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, discursou na Universidade de Nairobi, na capital do Quênia, para alunos, diretores e embaixadores presencialmente e muitos outros ouvintes *online*. Grandi começa seu discurso com uma apresentação da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), o braço da ONU (Organização das Nações Unidas) dedicado aos refugiados e pessoas deslocadas. Grandi agradece ao governo do Quênia e sua população por acolherem refugiados da Guerra Civil do Sudão (2023-presente). O foco do discurso está em estabelecer os limites da ação da ACNUR e, por isso, a necessidade de apoio de organizações e indivíduos de todo o mundo para melhores respostas e campanhas contra a negligência na questão dos refugiados. Para isso, Filippo Grandi mobiliza um vasto vocabulário e rede conceitual sobre as causas e consequências desta questão. “Crise” é um conceito chave ao denominar, em primeiro lugar, a própria questão dos refugiados, ou “crise dos refugiados”<sup>1</sup> como está expresso no texto. Indica as causas dessa mesma crise, como uma “crise econômica”, ou as consequências que ela acarreta, como uma “crise do sistema de saúde”. A fonte apresenta, portanto, diferentes concepções de crise que dialogam com diferentes tópicos de economia, sociedade, política e meio ambiente.

Para compreender melhor *crise* no texto de Grandi, a fonte a ser analisada aqui, o presente texto fará uma análise e história do conceito. Um conceito historicamente polissêmico, presente no vocabulário político,

---

<sup>1</sup> “*Refugee crisis*”, como aparece na fonte.



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

popular e das ciências humanas, por exemplo. Conceitos fundamentais como esse enriquecem o pensamento crítico do leitor. Busca-se aqui apropriar o mesmo de uma consciência mais apurada sobre um termo usado com tanta frequência em tantos contextos. Pela natureza da fonte assume-se a centralidade da sua aplicação para denominar “crises humanitárias” que, no entanto, não está escrita de maneira explícita no documento analisado.

Analisada a história do conceito, voltaremos à fonte identificando melhor seu universo conceitual que, como já notado, pode ser incrivelmente vasto visto os diferentes meios nos quais pode ser utilizado. A rede conceitual que mais será explorada aqui, como já dito, é a que envolve a crise de caráter humanitário: refugiados, intolerância, guerra, Estado, cidadania para citar alguns, mas sem desprezar, é claro, os demais conceitos que “orbitam” *crise*.

Conceitos nunca possuem definições exatas e isso é uma das características que os definem como conceitos: a elasticidade de seu uso e sentido os permitem que sejam empregados nas mais diversas situações. Conceitos não são atemporais, sofrem mutações no decorrer do tempo, a análise, no entanto, não deve desconsiderar a sincronia. Se conceitos mudam com o tempo, são tão menos uniformizados em um mesmo período quanto na diacronia, possuem *valências temporais*. Isso merece a atenção máxima em um exercício de história conceitual, considerando também o espaço, o meio intelectual e social em que eram usadas as diferentes formas de um *mesmo* conceito (KOSELLECK, 2020, 109; FERNÁNDEZ, 2023, 58). *Crise*, um conceito que há duzentos anos encontra



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

lugar especial no pensamento político ocidental, precisa de profundas avaliações. O historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006), um dos grandes idealizadores da História dos Conceitos, escreveu sua tese de doutoramento sobre o conceito que aqui será analisado: *Crítica e Crise*, de 1954. Sua obra e ideias terão grande influência no presente trabalho.

Apesar da amplitude de significados, *crise* pode apresentar um sentido comum: anormalidade, irregularidade. Ao refletir o uso deste conceito, antes de mobilizar uma análise profunda, concorda-se que seu uso corriqueiro serve para rastrear e denominar um período ou evento que causa ou que é uma mudança daquilo que se consideraria “normal” ou equilibrado: “Manifestação repentina de ruptura do equilíbrio; Fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos acontecimentos, das ideias” (FERREIRA, 2010, p. 209). É um conceito comum em notícias de jornal ou em outras mídias, por exemplo, nestes casos *crise* refere-se principalmente a questões econômicas, baixas no mercado, instabilidades comerciais ou mesmo crises políticas relacionadas à crise da democracia, por exemplo. Referem-se a “um determinado andamento que não anda mais como antes”. Seria um fenômeno de transição, ou, por si só, a fase de transição de um período para outro, um “funcionamento” ao outro. Podendo também ser um fim, com a possibilidade de gerar algo novo. É preciso enfatizar também o uso do “momento da crise” como expressão de dificuldade, indecisão e conturbação. Diante disso, também podemos considerar que esse conceito pode ser carregado de um peso emocional tanto positiva quanto negativamente, um julgamento que depende do indivíduo e suas



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

crenças: a crise da escravidão brasileira certamente não satisfaz aqueles que se empenharam para mantê-la vigente, por exemplo.

Este mesmo exercício quando analisando a fonte fornece reflexões semelhantes. O que seria convencional, ou melhor dizendo, ideal para o ser humano parece não mais funcionar e a nova situação distancia ainda mais seu acesso pelo indivíduo. A crise humanitária denominaria um período mas também o evento. O conceito, já amplo, ganha uma dimensão ainda maior com as diferentes especificações que “crise” pode ter, por exemplo, “crise humanitária”, “crise econômica” ou “crise política”.

### História do conceito

As raízes etimológicas do conceito que analisamos aqui compartilha, segundo Koselleck, a mesma origem que *crítica*. O verbo grego *krino* (*κρίνω*. Dividir, escolher, decidir), origem comum de ambas as palavras, empregado na atividade jurídica da época. No entanto, o significado de “juízo” ou “veredito”, originalmente relacionados à *crise*, tornou-se mais relacionado à *crítica*. Em outras palavras, o sentido de “discernir os prós e contras”, aos quais mais se atribuem à *crítica* atualmente, eram antes associados à *crise*. Em sua originalidade, *crítica* e *crise* estavam muito mais correlacionadas do que a relação estabelecida entre elas atualmente. Do Velho Testamento até a formação da tradição de escrita cristã, apesar da permanência do sentido de *crítica* existente no grego, *crise* ganha o sentido de “Juízo Final”, que também entrará em desuso. Enquanto a primeira continuará a ser usada, a última permanece restrita no sentido que tomou em latim, o médico. Com o tempo, *crítica*, além de



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

distanciar-se de *crise*, acaba por ser usada apenas para o sentido literário como aquele que “esmiúça erros”, o crítico. (KOSELLECK, 1999, pp. 203-204).

Por muito tempo, *crise* é mantida apenas no sentido médico, onde o último momento entre a melhora do paciente e sua morte seria denominada de tal modo. Era um ponto *crítico* onde deveria haver uma decisão, uma separação entre vida e morte, um “caminho ou outro”. Mesmo antes de ser aplicada na política, por exemplo, é possível identificar seu sentido como um momento ou mesmo uma fase decisiva para um sistema, após ela um novo sistema entraria em vigência: de enfermo ao “normal”, ou morto. O conceito teria maior conotação política no século XVII com a Guerra Civil Inglesa (1642-1651), sendo a “crise” uma metáfora para a doença no “corpo do Estado” (KOSELLECK, 1999, pp. 229-230). Koselleck atribui isso a uma melhor percepção das pessoas dessa época diante de períodos de tensão nas estruturas políticas e sociais. Sobre isso, não podemos desconsiderar que havia sim uma noção da relação de ambas as palavras, o autor alemão Johan H. Zedler (1706-1751) faz essa aproximação em “*Grossen vollständigen Universal-Lexicon*”, por exemplo. (KOSELLECK, 1999, pp. 203-204).

Até a Revolução Francesa (1789-1799) o conceito já estava estabelecido no vocabulário político do ocidente Europeu. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) utilizou *crise* para designar um mal funcionamento no *corpo político*: a *crise* era uma ausência de autoridade, uma imposição anárquica de poder causada pela falta, era uma crise de estado (*la crise de l'État*). O “a favor e o contra” (*pour et contre*), neste momento, passa a fazer parte das avaliações políticas, das decisões de uma polarização. Diante



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

disso, Denis Diderot (1713-1784) não percebia a crise como uma anarquia completa desprovida de ordem, tal como pensava Rousseau: A crise seria o fim de um processo crítico, um tribunal que serviria para avaliar ela mesma e suas decisões morais. (KOSELLECK, 1999, pp. 144-151)

Entre as fontes para se estudar a história de um conceito, os dicionários podem ser as mais proveitosas. Oferecem interessantes interpretações do vocabulário da época em que foram escritos. Junto de enciclopédias, os dicionários foram as principais fontes que Koselleck utilizou para compor sua obra. Os dicionários podem, no entanto, remeter obviamente às perspectivas dos autores e, assim, não necessariamente à concepção da sociedade como um todo, são fontes com limitações (FERNÁNDEZ, 2023, p. 58). Considerando que podem apresentar um vislumbre do oxigênio mental da época em que foram concebidos, este artigo selecionou alguns dicionários, sobretudo da língua portuguesa, para exemplificar as mudanças de significados que o conceito sofreu a partir do século XVIII. Para estabelecer diálogo com a língua inglesa e italiana, outros dois dicionários foram selecionados<sup>2</sup>.

*O Dicionário da Língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau*, publicado originalmente em 1712, conceitualiza crise como um

---

<sup>2</sup> O artigo reconhece que, no entanto, para uma análise conceitual aprofundada, a seleção de fontes deve seguir um rigor metodológico quanto às línguas a serem analisadas, quantidade de dicionários selecionados e justificativa da escolha. Koselleck atentou, em sua análise do conceito de *crise*, que especial atenção deve ser dada aos diferentes significados segundo diferentes línguas. Além disso, deve existir especial cuidado para a análise diacrônica do conceito, avaliando sua transição no tempo. Como sinalizado, o artigo não seguiu tamanho rigor, visto que utilizou os dicionários para exemplificar a mudança temporal dos conceitos.



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

termo médico, uma súbita mudança do estado do paciente onde cabe à natureza definir o juízo da melhora ou da morte. Apesar de Koselleck ter tido dificuldades em encontrar uma associação literal de *crítica* e *crise* em meios “polêmicos”, a estreita relação entre ambos os conceitos apresenta-se de maneira corriqueira no dicionário, a primeira teria por definição os “dias críticos” onde “se faz a crise”, novamente em sentido médico. Crítica, no entanto, aparece com definições mais amplas, voltadas para o ofício do crítico literário e seu papel em, por vezes, censurar (BLUTEAU, 1712, pp. 615-616). Aqui o sentido do diferenciar, escolher, dividir. Em uma edição posterior de 1789, publicada quase um mês antes da Revolução Francesa, editada e acrescida pelo brasileiro Ant3nio de Moraes Silva, a conotação médica persiste e com pouquíssimas diferenciações, interessantemente relatando que se esperaria uma “mudança para melhor”. Para não limitar-mo-nos apenas com a explicaç3o “sentido médico”, esclarece-se aqui que a dita melhora ou piora do paciente, expressa em ambos dicionários, ocorreria ap3s um custoso pesar do mesmo por meio de suores e expel3o de secreç3o, ou seja: a crise seria um momento de sofrimento para o indiv3duo. Percebe-se traços do sentido que temos popularmente como crise atualmente, um momento de decis3es custosas mediante às mudanç3as completas do *status quo* pr3vio. Ou, melhor dizendo, para evitarmos a teleologia do que “viria a ser”, percebe-se a construç3o de um sentido de “momento perturbador”, que como j3 foi dito antes, Koselleck rastreia seu uso pol3tico como “doenç3a no corpo do Estado” nas Guerras Civis Inglesas do s3culo XVII.



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

Para fazer um paralelo com a língua inglesa, no volume um do dicionário *An American Dictionary of English Language*, publicado em 1828 e escrito por Noah Webster (1758-1843), a descrição de *crise* vai além do sentido médico. Seria denominada como um estado decisivo das coisas, um momento de *clímax* que estaria perto de um fim, de uma mudança material<sup>3</sup>. Nas décadas anteriores à Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1783), *crisis* passou a ser descrita como um período tenso e agravante do Estado, às vésperas de uma catástrofe. Com a guerra, o conceito passou a circular mais ainda por meio de discursos e cartas (KOSELLECK, 1999, pp. 229-230). Por fim, no *Grande dicionário Portuguez Thesouro da lingua Portugueza*, por Domingos Vieira, datando de 1871, quase um século depois das obras analisadas anteriormente. A definição torna-se muito mais ampla, além de crise enquanto termo médico lista-se: o seu sentido *figurado*, tido como um “momento crítico, estado perigoso e decisivo de um negócio, de uma nação” (VIEIRA, 1871, p. 641); *crise comercial* e o receio de desastres nesse meio; crise enquanto ameaça e perigo; *crise ministerial*, uma desarmonia entre ministros, opiniões políticas; *crise da natureza*, sendo as “grandes convulsões que sobrevêm o globo terrestre”; e *crise monetária*, sendo a falta de moeda em circulação. Ao fim do século XIX o sentido de *crise* tal como compreendemos e usamos hoje parece estar estabelecido, ampliando-se para além do *Estado* como faziam os iluministas e abarcando também os campos da *economia* e *natureza*.

---

<sup>3</sup> “The decisive state of things, or the point of time when an affair is arrived to its highth, and must soon terminate or suffer a material change”.



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

Mesmo para esta breve contextualização histórica, seria indispensável citar a contribuição de Karl Marx para o conceito. No que diz respeito à economia, sua concepção de *crise* aproximou enormemente o conceito com esse campo ainda no século XIX, seguindo ao XX e XXI. Uma aproximação tão forte que o conceito tornou-se elementar qualquer que fosse o assunto sobre economia (GRESPLAN, 2020, p. 7). A *crise* que se manifesta em Marx apresenta um sentido cíclico. O conceito seria chave na crítica desse autor ao próprio sistema capitalista ao explicar que o fenômeno da crise não seria ocasional, mas sim fundamental em seu funcionamento. A existência do capital implicaria necessariamente em um risco da crise acontecer, sempre sob esse potencial. Este problema intrínseco do sistema seria um dos principais motivos para o estudo e crítica por parte de Marx (GRESPLAN, 2020, pp. 7-9). Os ciclos, entre uma crise e outra, formar-se-iam diante da realidade assumida de que “uma hora ou outra” alguma força causaria uma ruptura, uma mudança. A consciência dos ciclos, porém, pode ser prejudicial para uma análise histórica a partir do momento que esta pressupõe um determinismo da ocorrência da crise.

Se no século XVIII e XIX o conceito *crise* era uma concessão da medicina para ser usado por alguns intelectuais em discussões na política, foi no século XX que se tornou central em inúmeros trabalhos da historiografia entre outros saberes. Norbert Elias (1897-1990), Fernand Braudel (1902-1985), Immanuel Wallerstein (1930-2019) entre outros o utilizaram em suas principais obras. Segundo Koselleck, essa proliferação do uso do conceito pode desviar seu sentido, ou mesmo garantir muitos



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

sentidos diferentes. No entanto, continua carregando sentido de uma “fase transicional”, quando não de iminência ou mesmo permanente crise (KOSELLECK, 2006, pp. 397-400).

No *Dicionário Político* de 1976 organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, *crise* aparece como uma mudança no funcionamento de um sistema, muito caracterizada por sua imprevisibilidade e possibilidade de ser repentina. Composta por fases que abarcam o período anterior, a crise *per se* e o momento posterior, sendo esse último diferente do período antecedente. *Crises* podem ser classificadas como “econômica” ou “política”. Em muitos casos, quando classificadas, podem ser relacionadas tanto em como “uma pode acarretar na outra”, ou como “uma deve ser solucionada para resolver outra”. *Crises* precisam de respostas rápidas visto sua imprevisibilidade, respostas que variam ao basear-se ou no sistema antigo de funcionamento ou em um novo modelo. Interessa-nos neste trabalho a definição de *crise internacional* dada pelo dicionário, visto que a ONU atua principalmente nesse âmbito. Este tipo de crise envolve dois ou mais países que, entretanto, não precisam estar necessariamente próximos, visto o avançado estágio de globalização. A conexão ampla entre países permite ainda que os efeitos da crise tenham uma escala maior que a regional (BOBBIO, 1998, pp. 303-306). Tal como ocorre na dita Crise dos Refugiados, onde disputas internas, sejam elas por economia, religião, cultura e ou política, acarretam em um deslocamento enorme de seres humanos para outros países e até outros continentes, configurando-se como uma *crise internacional*.



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

### **Crise e rede conceitual na fonte**

“Crisis” aparece de maneira recorrente na fonte, considerando sua rede conceitual percebe-se que o conceito permeia totalmente o texto. Sua primeira ocorrência no discurso é decisiva, onde Filippo Grandi determina que o papel da ACNUR está em prover auxílio para Estados que lidam com a crise de refugiados, buscando por respostas rápidas de reação à crise e soluções a médio e longo prazo.

*UNHCR is the custodian of fundamental refugee rights, as enshrined in important legal instruments; like the Refugee Convention. It is a big humanitarian agency, helping states respond to refugee crises; but it is also an organization tasked to work with governments, and other stakeholders, to find sustainable, rightful solutions — sometimes temporary, sometimes durable ones — to the problems of people who are forced to flee because of war, persecution and many forms of violence, and of course of those who are generously hosting them — like you have done for decades here in Kenya. (GRANDI, 2024)*

As principais causas para o deslocamento em massa de pessoas são listadas: guerra, perseguição, violência entre outros. As causas são obviamente atos ou momentos que geram profunda tensão ao indivíduo e sociedade como um todo, as estruturas sociais e seu funcionamento estariam sob risco, ou como o *Dicionário de Política* instrui, situações como essa exigem decisões imediatas quando não desesperadas. Na análise conceitual realizada anteriormente, *crise* está como um momento culminante de anormalidade, mas não apenas isso, o período anterior e posterior se tornam essenciais para o entendimento desse momento em específico. Diante da questão da “Crise dos Refugiados” nota-se que, conforme a leitura da fonte, ela seria iniciada por outras crises. Um mal funcionamento prévio do Estado e suas estruturas sociais e ou econômicas



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

despertaria a necessidade em seus cidadãos de busca por um refúgio longe de ameaças. A grande problemática dos refugiados começaria nesse ponto: questões como destino, perigos na viagem, insegurança alimentar, preocupação com integridade do corpo e risco de doenças. Além dos desafios das longuíssimas travessias até chegarem em países de primeiro mundo, tal como a Europa, e o pesar da discriminação e tráfico humano que pode ocorrer praticamente durante todo o tempo em que estão em condição de refugiados. Grandi discursa, neste caso, não para os refugiados e sim para aqueles que os recebem. A crise da qual ele trata estaria principalmente neste cenário, onde o sistema de saúde local passa a colapsar com a alta demanda de pessoas com necessidade, a falta de espaço adequado para acomodação, a distribuição de alimentos defasada, entre tantas outras necessidades que implicam pessoas sob tais condições. A perspectiva dos países receptores torna-se central na discussão, primeiro, por representarem, em sua maioria, países de terceiro mundo com suas estruturas já suficientemente estressadas por seus problemas internos na política, sociedade e economia, e por serem os principais destinos das pessoas deslocadas. É um cenário tão crítico que Grandi reconhece a tentação dos países receptores e sua população em negar a vinda dos refugiados e o peso de sua responsabilidade.

*When you add the devastating effects of climate change — felt so tragically in Kenya and across the region — when you add economic crises and pandemics; when you add new and unregulated technologies that are distorting our sense of reality and, sometimes, undermining our shared values; when you add it all up the challenges seem overwhelming. The temptation is to turn inwards.*

*[...]*

*I talked to many fleeing the devastating Sudan war. I saw the generosity of communities offering them hospitality. But I also saw*



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

*the pressures on infrastructure, on public services, on institutions. These pressures weigh particularly heavy, for example, on a country as young and fragile as South Sudan, but the same holds true wherever you look — Uganda, Ethiopia, Tanzania, Rwanda...*  
(GRANDI, 2024)

Diante do universo conceitual de *crise* não bastam os conceitos que simplesmente concordam em seu sentido, é a partir dos contra conceitos, antônimos, aquele que significa o oposto, que garantimos uma das mais frutíferas formas de analisar uma questão como essa. *Estabilidade* poderia ser o primeiro contra conceito a ser listado. Em casos apontados anteriormente, o conceito de estabilidade classificaria a própria *crise*. Seja *estabilidade* sendo o período anterior ou posterior, o que se almeja aproximar ou mesmo distanciar, posto que esta não remete a um sistema necessariamente positivo, significaria mais um período de continuidade, ausente de distúrbios, ou *crises*. Segundo Leonardo Morlino *estabilidade política* é um conceito que na maioria das vezes remeteria a uma atitude de conservação, mais do que de mudança. É também possível classificá-la como mais ou menos estável, discernindo portanto diferentes níveis dessa conservação. Em suma, giraria em torno da capacidade de um sistema se prolongar no tempo, de manter previsibilidade de seu próprio funcionamento. Porém, estabilidade não seria o mesmo que equilíbrio visto que esse último pressupõe um estado estático, sem mudanças, o que seria fundamental para a preservação da estabilidade (BOBBIO, 1998, pp. 304-306). A “definição ampla de refugiado”, criada pela Convenção da Organização da Unidade Africana sobre refugiados em 1969 e acolhida pela Declaração de Cartagena em 1984 caracteriza refugiado como aquele que além de ter seus direitos humanos gravemente ameaçados são, também, vítimas de outras circunstâncias que tenham perturbado



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

gravemente a ordem pública (RAMOS, 2019, p. 83). *Ordem*, ou mesmo *ordem pública*, podem ser contra conceitos de *crise*. O refugiado, conceito complexo, poderia ser também definido como aquele que foge de uma ordem em crise, uma situação anormal.

A forma que Grandi articula o discurso pode nos levar para uma conclusão: a Crise dos Refugiados se origina e multiplica de outras crises. O deslocamento em massa de pessoas não se dá por pura e simples vontade dessas, explica Grandi, existem muitos fatores que causam esse movimento que, afinal, pode ser extremamente prejudicial e perigoso para o deslocado. É um bom exemplo de como a crise implica na tomada rápida e às vezes forçada de decisões perante mudanças imprevistas e momentos críticos onde há um destino polarizado: sobreviver ou morrer. A correlação entre crises aumenta ainda mais o grau de complexidade de cada uma delas. Assim, diante da fonte, crises podem estabelecer uma relação sinérgica, quando não causal, entre outras crises. E crises que originariam o deslocamento forçado não seriam apenas locais, mas podem ser crises globais como a causada pela COVID-19 a partir de 2020, ou a crise climática e desastres naturais (MONDALICE, 2022, p. 153). De 2020 a 2022, por exemplo, a ACNUR registrou mais 26 milhões de pessoas deslocadas por força maior, somando um total de 108 milhões ao todo (UNHCR, 2025).

A postura de Grandi ao discursar é apelativa, está lutando por uma causa e isso deve ser levado em consideração, usa exemplos que mostram às autoridades o risco que a estabilidade do próprio país corre ao deixarem a questão em aberto: deixar refugiados, já extremamente fragilizados e dependentes de ajuda, à mercê, aumentam os casos de aliciamento por



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

parte de organizações criminosas. Podemos incluir nessa mesma reflexão que com mais criminosos mais crimes, mais violência urbana, diminuição da segurança, aumento da população carcerária, discriminação com o estrangeiro, etc. Entre as maiores preocupações da ACNUR e dos países hóspedes está o medo da segurança ser ameaçada, o que serviu de principal motivo para o desligamento de um dos maiores campos de refugiados do mundo, o de Dadaab, no Quênia. Recebendo refugiados do Sudão e Somália, uma onda de violência seguiu a vinda de refugiados das guerras civis, palco também para a discriminação social, uma tensão entre “os estranhos e os locais”. Sem contar com questões territoriais e uso dos recursos naturais, que podem ser escassos em regiões áridas do chamado “Chifre da África” (ALI, 2017, pp. 39-40 e 45-48).

*People do not flee their homes in a vacuum. Allow conflicts to fester, and forced displacement rises. Do nothing about climate change, and forced displacement will rise. Condemn refugees to destitution, and they will remain refugees for longer. Deny them safety and opportunities, and criminal networks will lose no time to fill the void. (GRANDI, 2024)*

A crise impõe decisões e desafios, as consequências de escolhas erradas podem agravar o seu estado primário, ela pode evoluir se as decisões certas não forem tomadas com rapidez. A ACNUR é uma organização que responde às crises que podem causar grandes deslocamentos forçados de pessoas, mas também de apoio à prevenção da mesma. Procurando atuar em casos onde a crise é iminente, previsível, e Grandi deixa isso claro. Talvez não conseguindo evitá-la, mas atenuando os sintomas posteriores. Apesar da imprevisibilidade, é possível rastreá-la em partes. No entanto, mesmo com crises de efeitos globais, as consequências também globais que a crise dos refugiados e toda a



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

questão humanitária como um todo geram, há um descaso por parte de países desenvolvidos do hemisfério norte e de parte das populações vizinhas aos deslocamentos. A ACNUR tradicionalmente concentra seus esforços nos países receptores, mas essa é infelizmente uma resposta provisória que não leva a uma solução para a raiz do problema (LUI, 2001, pp. 102-104). Grandi deixa claro que é um trabalho que o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados não consegue enfrentar sozinho, mesmo com aproximadamente 32 milhões de refugiados sob seus cuidados (UNHCR, 2025).

*Responding to emergencies, quickly reaching the people affected, staying and delivering is vital— these are essential humanitarian functions which must continue to be carried out and supported. And in the first days and weeks of a crisis, when humanitarian needs are most acute, the focus is on life-saving activities. As it must be. (GRANDI, 2024)*

### Conclusão

A presente análise pretendeu explorar os diversos significados e usos do conceito a partir de sua história. Crise é um conceito com um passado distante e, inicialmente, sua forma atual parece não ter correspondência alguma com sua originalidade, o que se mostra um equívoco. *Krino* em grego, “escolher”, é identificável na responsabilidade da ACNUR e demais autoridades ao avaliar as melhores decisões a serem tomadas durante uma crise de refugiados. Percebe-se os dias críticos, de crise, que antes referiam-se aos pacientes e hoje determinam as causas de distúrbios na ordem, na estabilidade não só mundial mas nas vidas dos refugiados e receptores. Ou os dias críticos que provocam instabilidade no “corpo do Estado”, como apontavam os intelectuais do século XVIII, instabilidade



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

também perceptível no corpo do Estado hospedeiro de refugiados, das suas estruturas sobrecarregadas com influxo de pessoas. Considerar essas mudanças no conceito na transição da era moderna para a contemporânea, as influências do pensamento iluminista, permite uma melhor compreensão do conceito e da época *per se*. “Elucidar as experiências e expectativas históricas das pessoas do passado” (FERNÁNDEZ, 2023, p. 55). Koselleck já indicou que a “evolução” desse conceito caminhou junto de um melhor entendimento político pelo indivíduo em relação ao tempo em que se encontrava, exemplo expresso pela consequência das teorias de Marx, que possibilitaram uma crítica à lógica de funcionamento do capitalismo a partir da sua crise intrínseca. Uma crise intrínseca que pode estar associada aos vários focos de instabilidade civil em países de terceiro mundo, muitas vezes motivando o deslocamento de pessoas.

Conclui-se que, uma análise do conceito no discurso de Filippo Grandi sobre a Crise dos Refugiados permite a nós, contemporâneos do texto e das problemáticas humanitárias, entendermos melhor a posição que *crise* assume, mas, também, a época na qual estamos inseridos. O artigo proporciona, no mínimo, uma reflexão quanto ao peso do conceito e como a história conceitual pode atuar como uma ferramenta para “dissecar” uma fonte. *Crise* define a problemática sendo enfrentada, alerta para as causas e consequências. Os diferentes sentidos que estão por trás do discurso de Grandi são perceptíveis, a consideração de sua história se mostra útil para entender o que a situação dos refugiados, tratada como “crise”, pressupõe: mudança e necessidade de ação, no mínimo



## **História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI**

Gabriel Moreira Clemente

É um conceito internacionalizado e apesar de sua complexidade ao ser usado por intelectuais, políticos, economistas não está ausente no vocabulário popular para designar também crises políticas e econômicas, quanto mais para designar problemas emocionais e pessoais. Não é, assim, um conceito muito elitizado visto sua enorme quantidade de usos. Sua polissemia o torna muito útil e, se não considerado como insubstituível, é difícil encontrar uma alternativa ao designar disrupção, falta de ordem, instabilidade e mudança.



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

### REFERÊNCIAS

#### Fontes

UNHCR (2025). Figures at a glance. Disponível online no site oficial da ACNUR. Disponível em: <http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html> (acessado em 10/02/2025).

GRANDI (2024). Speech by the United Nations High Commissioner for Refugees at the University of Nairobi. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/speeches-and-statements/speech-united-nations-high-commissioner-refugees-university-nairobi#:~:text=Donors%20have%20a%20critical%20role,We%20will%20not%20disappoint%20you>

#### Bibliografia

ALI, Anomat; IMANA, Kamar; OCHA, Witchayanee. The Refugee Crisis in Kenya: Exploring Refugee-Host Community Causes of Tensions and Conflicts in Kakuma Refugee Camp. Bangkok: Journal of International Relations and Foreign Policy, 2017.

BLUTEAU, Rafael. Vocabulário Português & Latino (Volume 02: Letras B-C). Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

FERNÁNDEZ, Javier Sebastián. História Conceitual no Atlântico Ibérico: Linguagens, Tempos e Revoluções. São Paulo, 2023.

FERREIRA, A. B. H. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

GRESPLAN, Jorge Luís da Silva. História e Historiografia das Crises. São Paulo: Revista de História, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. Crítica e Crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. História dos Conceitos: Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: 2020.



## História conceitual das crises de caráter humanitário no século XXI

Gabriel Moreira Clemente

KOSELLECK, Reinhart. “Krise” in Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexicon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland. Stuttgart: Klett-Cotta, 1972-97. (Tradução: RICHTER, Michaela. Nova Iorque: Journal of the History of Ideas, 2006).

LUI, Robyn. World Order and Unhcr’s “Comprehensive” Approach to Refugees. *Revue Québécoise de droit international*, 2001.

MONDALYCE, Mulry. Facilitating Mobility Through Migration as Humanitarian Protection: Building on Lessons Learned from the North American and European Policies Regarding Haiti and Syria. *Revue Québécoise de droit international*, 2022.

MORAIS SILVA, António de, Dicionario da Lingua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Blueteau, Reformado, e Accrescentado. (Volume 01: Letas A-K). Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

RAMOS, André de Carvalho. Teoria Geral dos Direitos Humanos na Ordem Internacional. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

VIEIRA, Domingos. *Grande dictionario Portuguez Thesouro da lingua Portuguesa*. Porto: CHARDRON, 1873.

WEBSTER, Noah. An American Dictionary of the English language (Volume 1). Nova Iorque: New York: S. Converse, 1828.